

Fiódor Dostoiévski – O Sonho do Titio, Sonhos de Petersburgo em verso e prosa e Humilhados e Ofendidos

O sonho do titio

Em uma excelente novela, Dostoiévski prende a atenção do leitor com uma trama tipicamente centrada em escândalos e arranca-rabos, certamente ainda mais interessante para os leitores da época, que tinham contato com textos no estilo de *O sonto do titio*, porém textos que tinham a pretensão de ser sérios, ao contrário da novela que lemos aqui, produzida desde o início como uma sátira a tantos textos entregues aos periódicos russos com o intuito de divertir leitoras em todo o império.

Contando a história de uma mãe que personaliza a fissura da chefe de família russa no fim do império. Contando a história de uma mãe que personaliza a fissura da chefe de família russa no fim do império, a saber, alcançar um lugar para os filhos na nova sociedade europeia que se difundia em solo russo como “o novo mundo”, Dostoiévski cria uma megera-fofoqueira (como todas as outras senhoras da alta-sociedade daquela pequena cidade), que se posicionava no que seria a classe-média média na Rússia, aquela que tinha uma propriedade na cidade e uma no campo, alguns criados mas não o bastante para ser considerada uma Senhoria, e também não tinha um marido General que lhe tornasse *Genelara*. Essa camada da sociedade russa, no séc. XIX já tinha absorvido o gosto pela arte europeia e, assim, não conseguia mais ver grandeza na alma russa – daí as inúmeras cenas na literatura russa retratando mujiques e o folclore russo como sinal de pobreza de espírito --, tal passagem cultural de Rússia para Europa gerou uma sociedade que se dirigia cada vez mais para oeste no solo russo, vendo Petersburgo como a Paris czariana, o símbolo da Rússia que haveria de surgir. E o sentimento de reerguer-se da lama e se tornar grande é a própria alma russa. Contando a história de uma mãe que personaliza a fissura da chefe de família russa no fim do império, a saber, alcançar um lugar para os filhos na nova sociedade europeia que se difundia em solo russo como um novo mundo

Quando no início do séc. XVIII, Pedro I escolheu a região pantanosa no Golfo da Finlândia para construir a cidade de São Pedro, a intenção era lançar a alma russa em um novo patamar social, elevar o camponês das vilas e aldeias daquele magnífico império no mundo da arte e do bom viver parisiense, daí ver-se em toda a história da arte russa o querer ser europeu, sentimento que preencheu por dois séculos inteiros a história da Rússia com Márias Alieksándrovnas e Príncipes K, e ainda hoje espalha por todo o território do antigo império centenas de Mordássovs, cidades sem qualquer expressão artística ou econômica mas repleta de interioranos que sonham com uma viagem ao exterior. Captar esse sentimento russo na obra de Fiódor Dostoiévski é um dos maiores ganhos que se pode ter na compreensão da cosmovisão da Rússia expressa no movimento da poesia russa. Esse é o espírito da águia bicéfala, símbolo do brasão de armas do império russo que ainda resiste desde a fundação do império czarista.

Os sonhos de ambas as histórias que compõe o livro *Dois Sonhos*, são utilizados pelo autor como ferramenta de explanação de uma realidade macro que só pode ser notada quando observada de longe, e assim tanto o autor em seu afastamento quando da prisão na Sibéria como também o leitor, que ou compõe a Rússia europeia, a Rússia camponesa ou se encontra fora da realidade russa, podem todos compreender o quadro geral que se tem no que hoje conhecemos como a Rússia pré-revolucionária.

Humilhados e Ofendidos

Enquanto cumpria pena na cadeia em Petersburgo, Dostoiévski conseguiu escrever quase completamente o Aldeia de Stepántchikovo. Sendo condenado e enviado para a Sibéria, o autor não conseguiu publicar sua obra naquele tempo, sendo obrigado a adiar sua publicação para quando saísse da Sibéria, momento de sua vida onde já tinha não apenas o *Humilhados*, o Aldeia, como também *O Sonho do Titio*, *os Sonhos de Petersburgo* em verso e prosa e alguns outros romances-folhetins, textos curtos que não eram divulgados em formato de livro mas sim de histórias publicadas em fascículos em jornais e revistas periódicas, como a própria *Vriémia* (O Tempo), revista fundada pelo escritor junto com seu irmão, Mikhail. Esse conjunto de textos chegaram ao conhecimento do público em uma sequência de publicações, e por terem sido escritos ao longo de 10 anos, traziam facetas diferentes do autor mantendo, porém, características estilísticas como o retrato da parcela pobre da sociedade russa em contraste com a burguesia, possuidora de almas e sedenta por *novas ideias*, como eram chamadas as concepções políticas democráticas tão comuns nas discussões públicas dos europeus.

Unindo o interesse (e a capacidade) de buscar entender a alma russa expressa em suas diferentes classes sociais e o talento para construção de diálogos entre suas personagens, Dostoiévski construiu enredos que não apenas entreteram o público mas o ensinou sobre sua própria natureza. Descrevendo personagens que viviam no subúrbio se alimentando mal e juntando os copeques para manter a farda apresentável, o autor levava aos funcionários do Estado a reflexão sobre o trato da Mãe Rússia para com seus filhos, assim como apresentava ao *tsar*, o Pai de todos os russos, o estado em que se encontravam seus filhos espalhados nos muquifos abafados pela fumaça do carvão que os aquecia contra o rigoroso inverno de -20C^a. Expor todas as mazelas de um povo sem fazer a denúncia jornalística, mas reportar ao público todas essas desgraças utilizando-se da prosa romanceada, não foi uma característica exclusiva de Dostoiévski, mas sem dúvida encontrou sua máxima potência em sua pena.

E aqui, em *Humilhados e Ofendidos* temos verdadeiras análises políticas (e sociais, por óbvio) de uma sociedade composta por diferentes povos que formavam o império, como nos mostra a [oni]presença alemã e francesa nos diferentes títulos do autor, e aqui reunidas na confeitoria do alemão Müller, um ambiente familiar e de encontro da sociedade alemã em plena Petersburgo (“Os clientes da confeitoria eram em sua maior parte alemães. Vinham de toda a avenida Voznessiênski e se reuniam ali – eram todos donos de estabelecimentos de vários ramos: serralheiros, padeiros, tintureiros, chapeleiros, seleiros – uma gente patriarcal, na acepção germânica da palavra”. – pag. 15). Essa formação era uma marca da Petersburgo, até mesmo uma meta da cidade como assim foi imaginado desde sua fundação por Pedro I.¹

O episódio de observação do velho decrépito entrando no estabelecimento tradicional, seguido por seu cachorro também velhíssimo, é a observação de uma personagem autobiográfica do autor, que em posse de um romance de estreia de grande sucesso observa a cidade e alimenta seu espírito para a produção de novos materiais, sempre analisando a realidade em volta porque, afinal, é impossível ser de outra forma, uma vez que a Rússia da segunda metade do século XIX estava vivendo uma transformação para o que se tornou toda a Europa no fim do século, um território onde a derrocada do regime monárquico levou as famílias reinantes a se digladiarem entre si e com seus próprios povos, em uma convalescência social que culminou com a Guerra das Nações e seu desfecho ajambrado por um agente geograficamente externo².

¹ FIGES. O. Uma história cultural da Rússia. Record. Rio de Janeiro, 2018. “Escoceses, alemães, franceses, italianos – no século XVIII, todos se instalaram em grande número em São Petersburgo”. Orlando Figes retrata a “importação” de profissionais de diferentes culturas para a construção da capital cultural russa, o que se tornou uma marca de sua construção e posteriormente um pilar de sua existência. “São Petersburgo era mais do que uma cidade. Era um projeto vasto e quase utópico de engenharia cultural para reconstruir o russo como um europeu”.

² Guerra das Nações é o nome pelo qual ficou conhecida a primeira grande guerra mundial. No ano de 1919 foi realizada na França a Conferência de Paz em Paris, que durante o primeiro semestre do ano corrente produziu o documento final do Tratado de Versalhes, pondo fim na guerra mas deixando abertas feridas que culminaria no início de uma nova guerra,

Entender a alma do povo que compunha a Rússia rural e a Rússia cultural foi essencial para os agentes ativos na pré-revolução, tanto da parte dos revolucionários, como da parte do próprio povo e da monarquia em si, que é vista pela história como incompreensiva e, por sua incompreensão, algoz de um povo que padeceu sob sua tirania e que não teve maturidade e força para resistir à ameaça comunista trazida à existência por grupos de jovens idealizadores de uma Rússia Imperial Popular, um território gigante e poderoso como um titã, mas sem o reinado hereditário mas popular na pessoa do líder revolucionário que toma o poder e em seguida cria um processo eleitoral que o garante permanecer no trono³.

E a alma do povo russo é machucada pela pobreza contraposta ao sonho natural de ser europeu; a dor do regime escravagista no sistema de trabalhos forçados no campo, onde o camponês era parte da propriedade, podendo ser vendido pelo patrão junto com a terra⁴ e estando sempre a um passo do castigo físico; outra natureza que castigava o povo que preenche os romances russos é a fragilidade emocional e psicológica dessa gente pobre, que vivia em um clima hostil com alimentação precária e condições de habitação desumanas⁵. Essas características incidiram em uma cultura onde o sonho dos pais era casar suas filhas com algum alto funcionário do serviço público ou proprietário de terras, daí a presença constante de generais, coronéis e tenentes na literatura *dostoiévkiana* assim como a quantidade de príncipes em vários títulos. E é justamente esse drama social que forma o romance *Humilhados e Ofendidos*, centrado na disputa entre duas famílias em torno da vida de uma jovem que ao fugir de casa para se casar com o filho de um odioso príncipe, magoa à morte o seu pobre pai; e a família do próprio príncipe, que despreza a pobre Natacha por ser pobre e, na sociedade centrada no desejo de ser alguém diante da Europa, via o filho único do príncipe Valkóvski perdendo a oportunidade de encontrar uma esposa com dote significativo ou posição social que lhe valesse um cargo oficial na máquina do estado.

A trama desse romance que marcou a carreira do autor como a obra de transição entre o Dostoiévski folhetinista e o grande romancista é oportunidade de entender e explicar para a Rússia e para o mundo (nesta ordem) o que se passava ali, naquele império gigantesco que vivia uma grande mudança a ser compreendida apenas 50 anos mais à frente.

Fernando Melo
Brasília, 17 de abril de 2021

menos de trinta anos depois. Grande parte dos erros são atribuídos à proeminência dos Estados Unidos na produção do documento final – e seu presidente Woodrow Wilson --, país alheio às diferenças geográficas, culturais e religiosas que compunham a realidade dos povos interessados no pós-guerra. Ver *O Tratado de Versalhes*, de Harold Nicolson (Globo Livros. São Paulo, 2014).

³ A concepção de regime democrático sempre foi trazida à realidade dos países como um movimento político pós-monárquico, e obrigatoriamente capitaneado por um libertador, como entrou para a história da América Latina Simón Bolívar. Consequentemente à tomada do poder pela força armada, a democracia foi sempre estabelecida contrariando-se a sua proposta de entrega do poder a um sistema popular, uma vez que o agente libertador, seja ele Fidel Castro ou Deodoro da Fonseca, é sempre alguém parte do poder já estabelecido, político ou militar.

⁴ Esse pertencimento do trabalhador rural à propriedade e, consequentemente ao dono da propriedade, deu origem à cultura de se medir as posses dos fazendeiros em terras e almas, ou seja, a riqueza era mensurada em metros de terras e quantidade de almas que cada proprietário rural possuía. A escravidão russa difere em praticamente todos os aspectos da escravidão do negro africano nas Américas, convergindo quase que em absoluto apenas no fato de não ser o indivíduo portador de liberdade individual.

⁵ Para entender o estilo de vida russo é interessante conhecer o dia a dia do povo inglês e francês na obra de George Orwell, com destaque para o trabalho jornalístico intitulado *O caminho de Wigan Pier*, onde o autor descreve em detalhes como eram as moradias do norte da Europa na década de 1930, com o carvão como combustível, o chá com pão sendo a refeição básica e a moradia em barracos caindo aos pedaços alugados muitas vezes de forma compartilhada. Toda essa realidade já se fazia presente na Rússia de mais de 60 anos a contar do lançamento do título de Orwell.